

BOLETIM DE CONJUNTURA

16

preços de venda

carteira de encomendas

estudo dos negócios

2017

4º TRIMESTRE

tendências

produção e utilização da capacidade

pessoas ao serviço

APICCAPS

Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado,
Componentes e Artigos de Pele e seus Sucedâneos

A indústria do calçado contribuiu para o bom desempenho que a economia portuguesa registou em 2017, com as estimativas disponíveis a apontarem para uma das maiores taxas de crescimento do PIB desde o início do século. No último trimestre do ano, a produção do setor voltou a crescer, pelo quarto trimestre consecutivo, apesar de sinais de abrandamento visíveis a nível da utilização da capacidade produtiva e da carteira global de encomendas. Ainda assim, o setor continuou a reforçar o emprego, contribuindo para o decréscimo da taxa de desemprego nacional. Este reforço levou a que, mais uma vez, os empresários se deparassem com dificuldades em encontrar mão-de-obra e, sobretudo, mão-de-obra qualificada para as suas empresas. A insuficiência das encomendas de clientes estrangeiros e nacionais continuaram a ser a dificuldade que mais preocupação causou, o que se justifica, em parte, pelas condições climatéricas adversas. As empresas orientadas predominantemente para o mercado nacional tiveram, na maioria dos indicadores, um trimestre menos favorável do que as restantes.

As previsões das empresas do calçado para o início de 2018 acompanham as da economia nacional e dos principais mercados de exportação do calçado português, dando sinais de confiança no crescimento do setor. As empresas esperam uma evolução positiva em todos os indicadores analisados: produção, encomendas, preços, emprego e estado dos negócios.

Publicação Trimestral editada pela



Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado,
Componentes e Artigos de Pele e seus Sucédâneos

Com o apoio do programa COMPETE

Coordenação Técnica

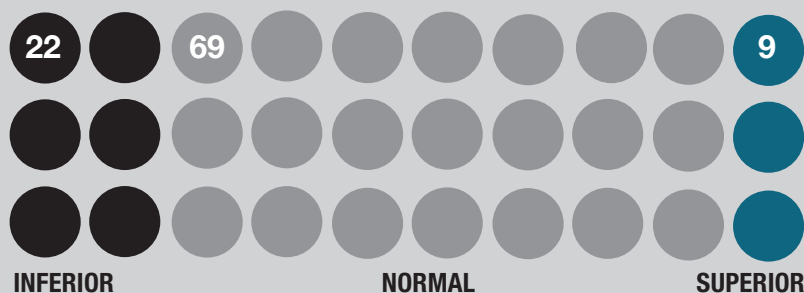
CEGEA - Centro de Estudos de Gestão e Economia Aplicada da
Universidade Católica Portuguesa, Porto

Produção

O setor do calçado deu um contributo relevante para os resultados positivos que a economia portuguesa alcançou em 2017. Pela primeira vez desde que, em 1995, se iniciou a publicação deste boletim, a produção do setor aumentou consecutivamente em todos os trimestres do ano. Embora este saldo (s.r.e.) tenha registado um ligeiro decréscimo face ao período anterior, no 4º trimestre os inquiridos que indicaram um aumento da produção excederam em 6 pontos percentuais (p.p.) os que referiram uma diminuição. As empresas que produzem unicamente para o mercado nacional foram, no que toca à orientação de mercado, as únicas a apresentarem um resultado negativo.



Utilização da Capacidade



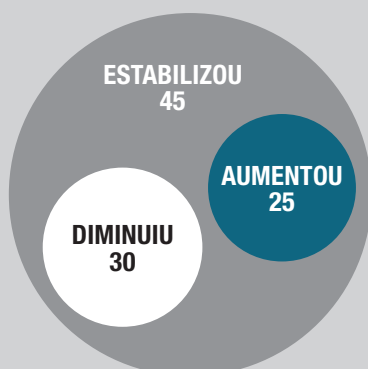
Mais de dois terços (69%) das empresas consideraram que a utilização da capacidade produtiva foi normal para a época do ano. No entanto, mesmo com mais empresas a considerarem que a produção aumentou do que diminuiu, quase um quarto dos inquiridos (22%) declararam que a utilização da capacidade ficou aquém do que seria normal e apenas 9% responderam estar acima. Com estes resultados, o s.r.e. voltou a diminuir face ao período anterior e registou o valor mais baixo desde o 1º trimestre de 2016.

Carteira de Encomendas

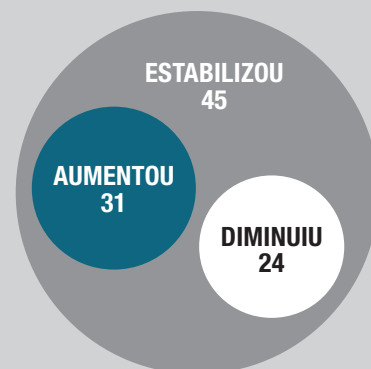
Depois de três trimestres positivos, o s.r.e. da carteira global de encomendas voltou a valores negativos (-5 p.p.): apesar de um quarto das empresas ter afirmado que aumentou, 30% deram conta de uma diminuição nas encomendas e menos de metade (45%) dizem ter estabilizado. As empresas de pequena e média dimensão foram, claramente, as menos satisfeitas e, no que toca à orientação de mercado, as empresas que produzem unicamente para o mercado nacional foram as únicas com saldo negativo (-22 p.p.).

A apreciação das empresas relativa às encomendas do estrangeiro manteve-se positiva, contrariando a tendência decrescente da carteira global de encomendas e as previsões do período passado. Mesmo com igual percentagem (45%) de inquiridos a darem conta de estabilidade, no caso das encomendas do estrangeiro mais de um quarto (31%) indicou um aumento e 24% uma diminuição. O s.r.e. permaneceu portanto positivo (7 p.p.), registando até um ligeiro aumento face ao trimestre passado.

CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



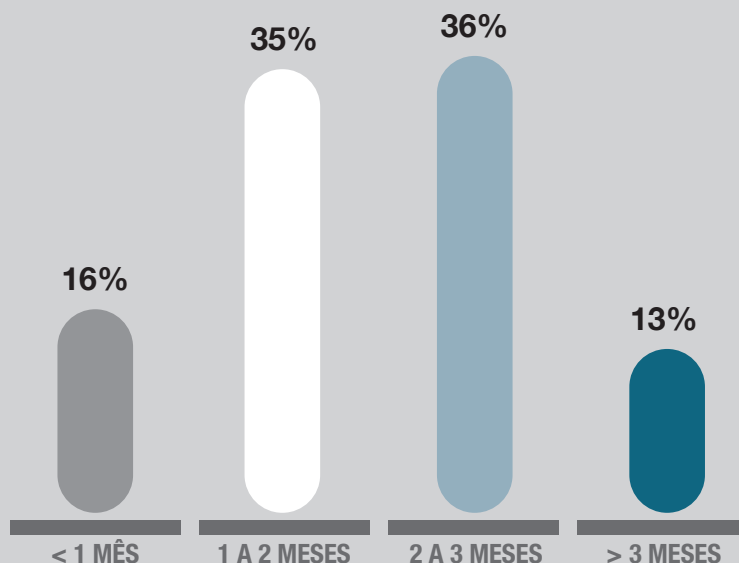
CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO



Horizonte

PRODUÇÃO ASSEGURADA POR ENCOMENDAS

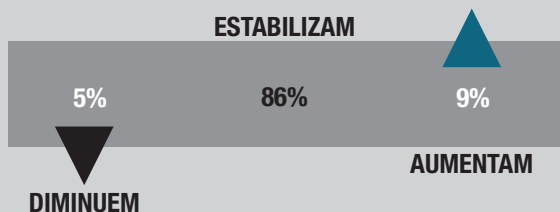
A percentagem de empresas que garantiu ter produção assegurada para menos de um mês foi praticamente idêntica (16%) à do trimestre anterior mas a das que agora indicaram ter atividade garantida para mais de 3 meses (13%) decresceu ligeiramente, por contrapartida de aumentos nos prazos intermédios de 1 a 2 ou 2 a 3 meses. O s.r.e. favorável das encomendas do estrangeiro justifica que as empresas totalmente exportadoras tenham sido as que mais frequentemente mencionaram ter produção assegurada para mais de 3 meses.



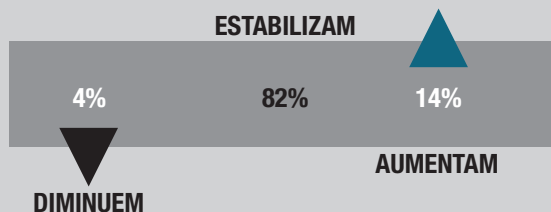
Preços

Como consequência da recuperação económica nacional, voltaram a registar-se indícios de aumentos dos preços a que o setor do calçado não escapou. No último trimestre do ano houve mais empresas (9%) a indicarem um aumento dos preços do que uma diminuição (5%), o que originou um aumento no saldo de respostas extremas que voltou a apresentar um valor positivo (4 p.p.). Apesar do ligeiro decréscimo face ao 3º trimestre, o saldo dos preços no estrangeiro (10 p.p.) continua a ser superior ao nacional e manteve-se positivo pelo quarto trimestre consecutivo. Ainda assim, quer no primeiro caso (86%), quer no segundo (82%), a grande maioria dos inquiridos respondeu que os preços se mantiveram estáveis.

EM PORTUGAL



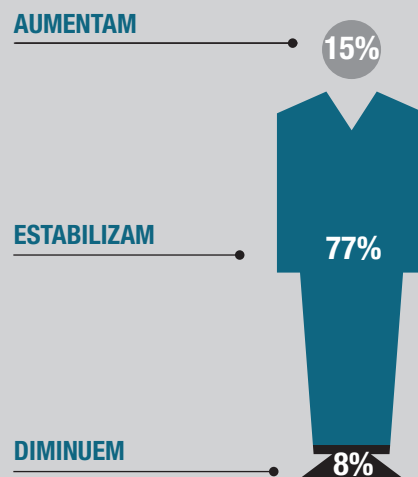
NO ESTRANGEIRO



Pessoas ao serviço

EVOLUÇÃO DO EMPREGO

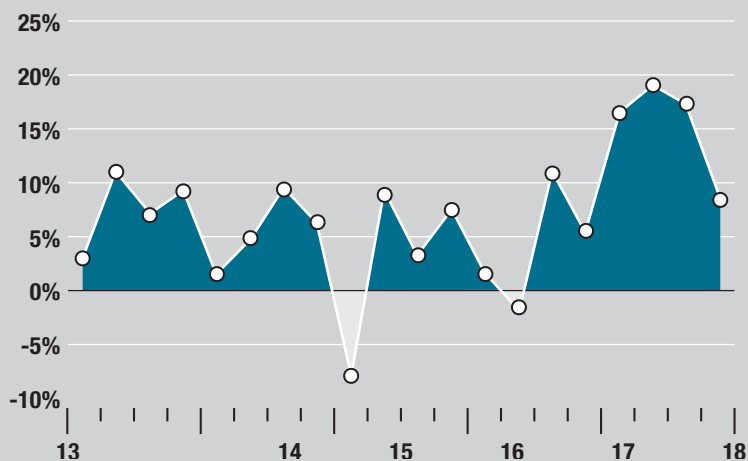
Também o emprego evoluiu positivamente pelo quarto trimestre consecutivo. As respostas obtidas nesta matéria estiveram em linha com as previsões do trimestre anterior: 15% dos inquiridos indicou ter aumentado o número de trabalhadores e apenas 8% ter diminuído. A orientação para o mercado externo está diretamente relacionada com a decisão de contratação. As empresas viradas apenas para o mercado nacional foram as que únicas a apresentar um saldo de respostas extremas negativo (-4 p.p.), enquanto, em contrapartida, as totalmente exportadoras apresentaram o s.r.e. mais elevado (13 p.p.).



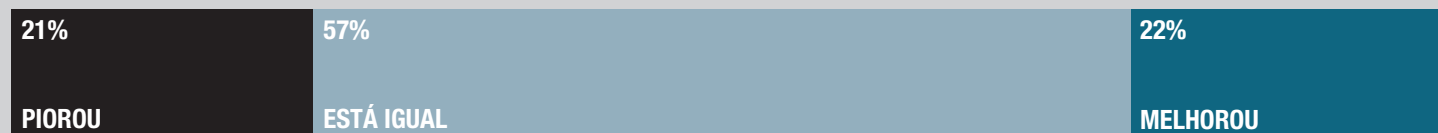
Estado dos negócios

O ligeiro abrandamento do crescimento da produção teve repercussão na opinião das empresas sobre a conjuntura. Mesmo com mais de metade (60%) dos inquiridos a afirmarem que o estado de negócios no 4º trimestre de 2017 foi suficiente e quase um quarto (24%) que esteve bom, o s.r.e. registado (8 p.p.) diminuiu 9 p.p. face ao trimestre anterior. Contudo, apesar do decréscimo, é de assinalar que este saldo se manteve positivo pelo sexto trimestre consecutivo.

No entanto, a evolução favorável da conjuntura parece estar a abrandar. Depois de três trimestres em que as empresas consideraram, por margem significativa, que o estado dos negócios era melhor do que no mesmo período do ano anterior, no 4º trimestre de 2017 este saldo manteve-se positivo mas reduziu-se para apenas 1 ponto percentual. Além disso, a maioria das empresas (57%) declararam que o estado dos negócios era igual ao verificado um ano antes.



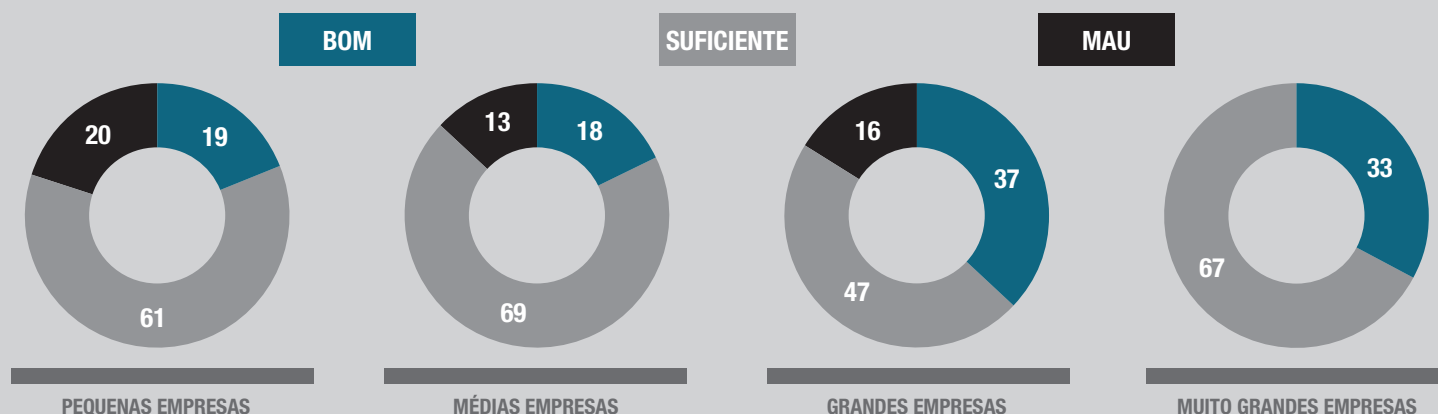
PERÍODO HOMÓLOGO



I.I. - Estado dos negócios por dimensão da empresa, orientação de mercado e peso da coleção própria nas vendas.

Como se tem verificado nos trimestres anteriores, a dimensão das empresas está relacionada com a avaliação do estado dos negócios. As empresas com 250 trabalhadores ou mais foram as que, manifestamente, se mostraram mais satisfeitas: nenhuma respondeu que o estado de negócios piorou no 4º trimestre e um terço

considerou mesmo que melhorou. Por outro lado, foram as pequenas empresas as que apresentaram o menor s.r.e.. Ainda que a orientação não apresente uma relação linear com o estado dos negócios, as empresas viradas para o mercado interno foram as únicas a apresentar um s.r.e. negativo.



Limitações à produção

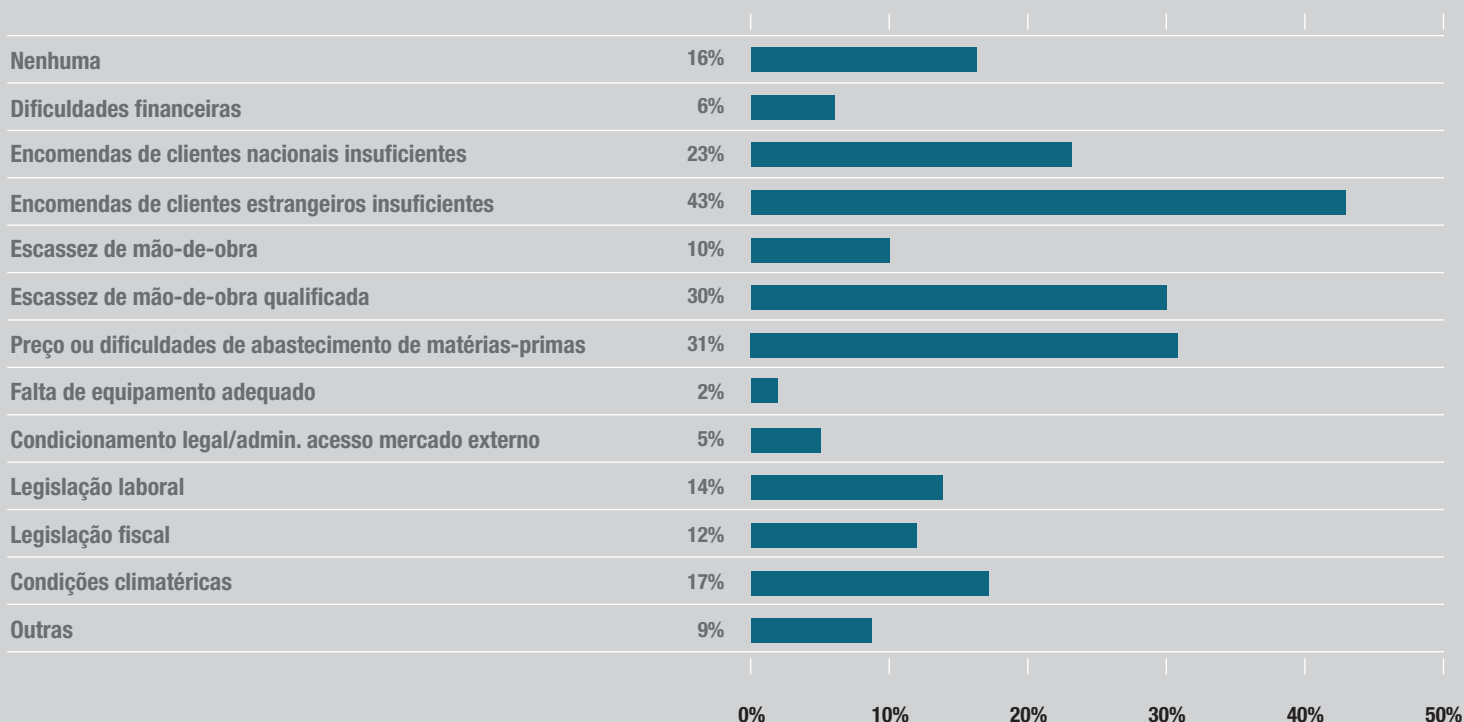
No que toca às limitações sentidas pelas empresas no último trimestre do ano, não existem grandes divergências relativamente ao período anterior. Com a produção a crescer a um ritmo mais lento, as principais preocupações continuam a ser a insuficiência de encomendas de clientes, tanto nacionais (23%), como sobretudo estrangeiros (43%). Ainda assim, houve uma percentagem menor de inquiridos a mencioná-las do que o que as previsões apontavam e do que foram mencionadas no trimestre anterior.

As limitações associadas ao processo produtivo não sofreram grandes variações. À exceção do preço ou dificuldades de abastecimento de matérias-primas, mencionada por 31% dos inquiridos, que aumentou 7 p.p., as restantes foram referidas por percentagens semelhantes às registadas no 3º trimestre: a escassez de mão-de-obra foi uma dificuldade para 10% das empresas (diminui 2 p.p.

face ao período anterior) e a de mão-de-obra qualificada para 30% (igual ao 3º trimestre). Embora em percentagem reduzida (2%), as empresas voltaram a mencionar a falta de equipamento adequado, o que nos últimos anos não tem sido habitual.

As alterações climatéricas, dificuldade que no trimestre passado se destacou por ter registado um aumento significativo, voltou a ser uma preocupação para 17% dos inquiridos. Significativa, também, foi a percentagem de empresas que mencionou ter-se deparado com dificuldades relativas à legislação laboral (14%) e fiscal (12%). Tanto num caso como no outro, a percentagem de respostas neste sentido foi superior às previsões do 3º trimestre. O mesmo sucedeu aos condicionamentos legais e administrativos de acesso a mercados externos, que foram uma limitação mencionada por 5% das empresas.

A percentagem de empresas que diz não ter sentido qualquer dificuldade no último trimestre do ano permaneceu inalterada, tendo sido a resposta de 16% das empresas. Também no que toca às dificuldades financeiras não houve qualquer alteração, tendo sido mencionadas por 6% dos inquiridos. Em contrapartida, a percentagem de empresas que mencionou ter sentido outras dificuldades que não as enumeradas na lista apresentada aumentou de 2% no 3º trimestre para 9% neste.



Tendências da produção

As expectativas dos empresários do setor do calçado para o 1º trimestre de 2018 são bastante favoráveis, com um crescimento muito significativo do s.r.e. que retorna a valores positivos (19 p.p.). Em linha com as previsões económicas animadoras das principais instituições económicas mundiais, quer para a Europa,

quer para Portugal, um terço dos inquiridos esperam que a produção venha a aumentar e apenas 14% que venha a diminuir. Mesmo sem uma relação direta com a dimensão, as pequenas e médias empresas são as mais otimistas e as que mais responderam que esperam aumentar a produção.

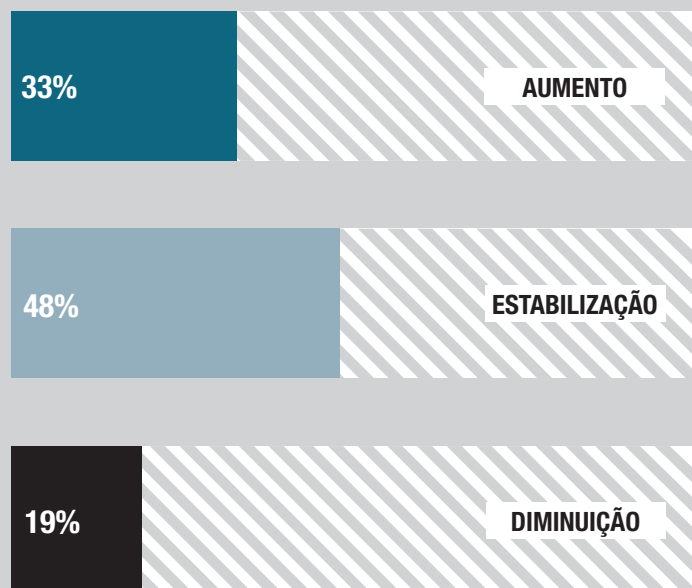


Perspectivas de encomendas

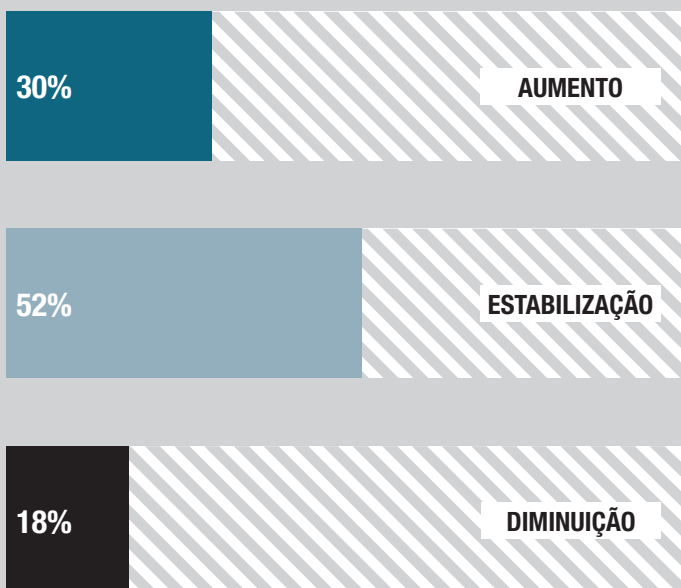
Em linha com as previsões da produção, um terço das empresas espera vir a aumentar a sua carteira global de encomendas e apenas 19% receiam vê-la diminuir, o que também originou uma subida significativa do s.r.e. que atingiu 14 p.p. As pequenas empresas, no que toca

à dimensão, e as orientadas unicamente para o mercado nacional são as que se mostram mais otimistas. Resultados similares tiveram as respostas à questão relacionada com as encomendas do estrangeiro: 30% dos inquiridos espera que venham aumentar e 18% a diminuir (s.r.e. 18 p.p).

PREVISÃO CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



PREVISÃO CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO

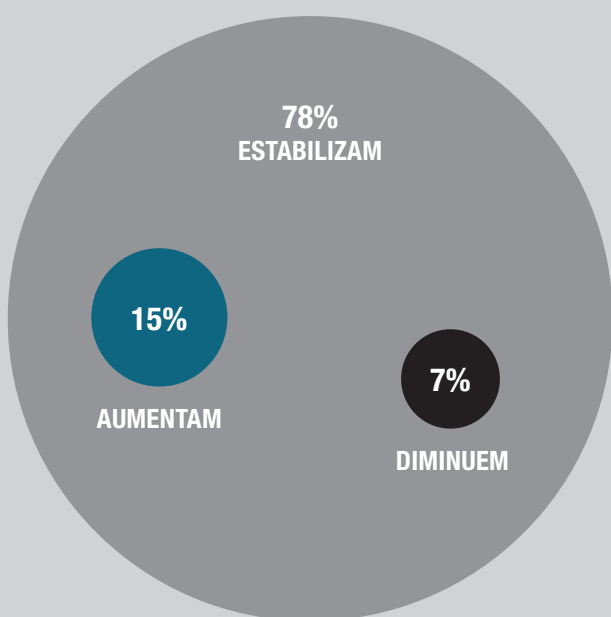


Perspetivas de preços de venda

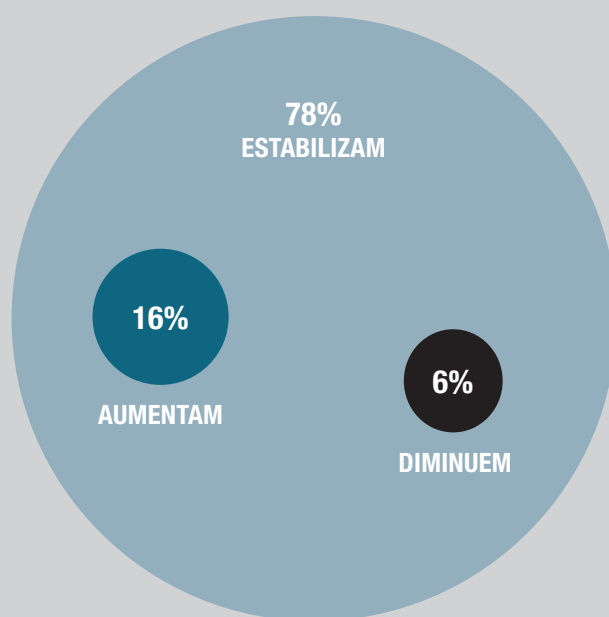
As perspetivas sobre a evolução dos preços para o próximo trimestre continuam a ser positivas, tanto para os preços em Portugal, como no estrangeiro. Ainda que, num caso como no outro, a maioria dos inquiridos perspetivem que os preços venham a estabilizar (78%), os s.r.e. são positivos e crescentes: um saldo de 8 p.p. para os preços

em Portugal e 10 p.p. no estrangeiro. As empresas com menos de 50 trabalhadores são as mais otimistas no que toca ao panorama no mercado nacional. Já no mercado internacional, são as empresas totalmente exportadoras as que apresentam um s.r.e. mais elevado (18 p.p.).

PREVISÃO DE PREÇOS EM PORTUGAL

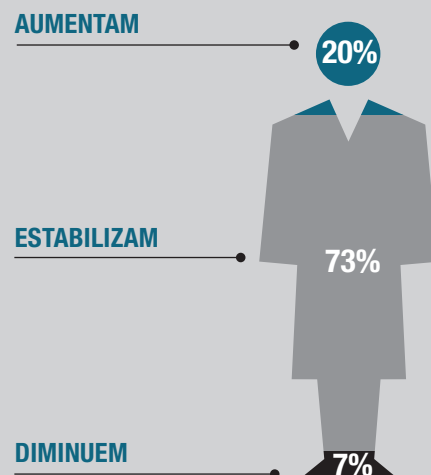


PREVISÃO DE PREÇOS NO ESTRANGEIRO



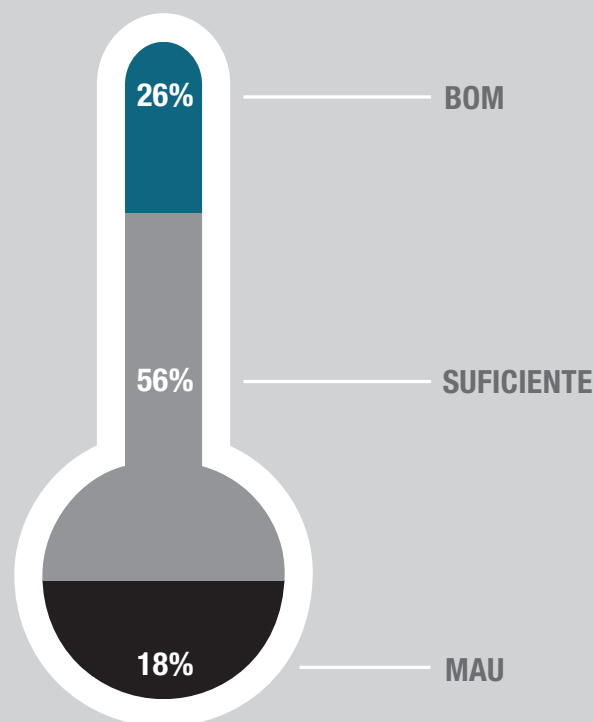
Perspetivas sobre o emprego

Com o INE a estimar que 2017 tenha registado uma das taxas de desemprego mais baixas desde 2004, os empresários da indústria do calçado esperam, no início de 2018, continuar a recrutar. O saldo entre as empresas que preveem aumentar e diminuir o número de pessoas ao seu serviço voltou a crescer, sendo agora de 13 p.p. De assinalar que este s.r.e. é positivo para todas as classes de empresas analisadas, seja em termos de dimensão, seja de orientação de mercado, com os valores mais elevados, embora por pequena margem, a ocorrerem entre as empresas que se dedicam exclusivamente à exportação.



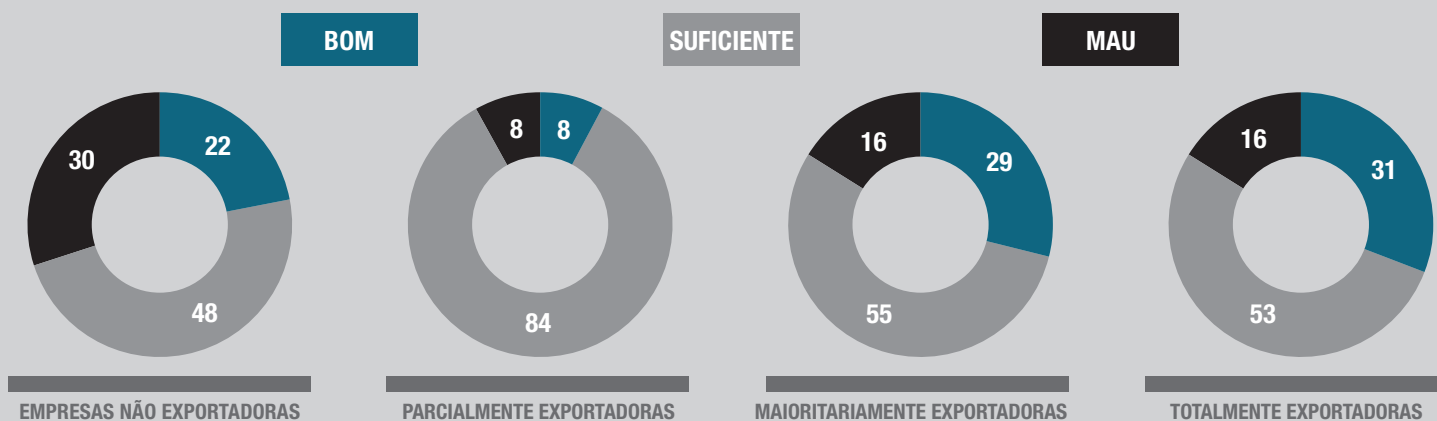
Perspetiva sobre o estado dos negócios

Acompanhando o momento favorável que a economia nacional vai vivendo, a maioria dos inquiridos (56%) acredita o estado dos negócios na indústria do calçado, no 1º trimestre de 2018, será suficiente. Entre os restantes, um pouco mais de um quarto (26%) pensam que irá ser bom e apenas 18% julgam que será mau, o que implica um aumento do saldo favorável de respostas extremas em 4 p.p. face ao trimestre anterior.



Apuramento dos resultados

Neste trimestre, as expectativas das empresas quanto ao estado dos negócios estão fortemente relacionadas com a sua dimensão e orientação de mercado. Em termos de dimensão, o saldo entre as expectativas favoráveis e desfavoráveis é nulo entre as empresas com menos de 50 trabalhadores e atinge um máximo de 33 p.p. entre as que têm mais de 250. No que respeita à orientação de mercado, as empresas que vendem predominantemente para Portugal são as únicas entre as quais as previsões de um mau estado dos negócios excedem as previsões positivas, com o saldo de respostas extremas a atingir um máximo de 15 p.p. entre as exclusivamente exportadoras.

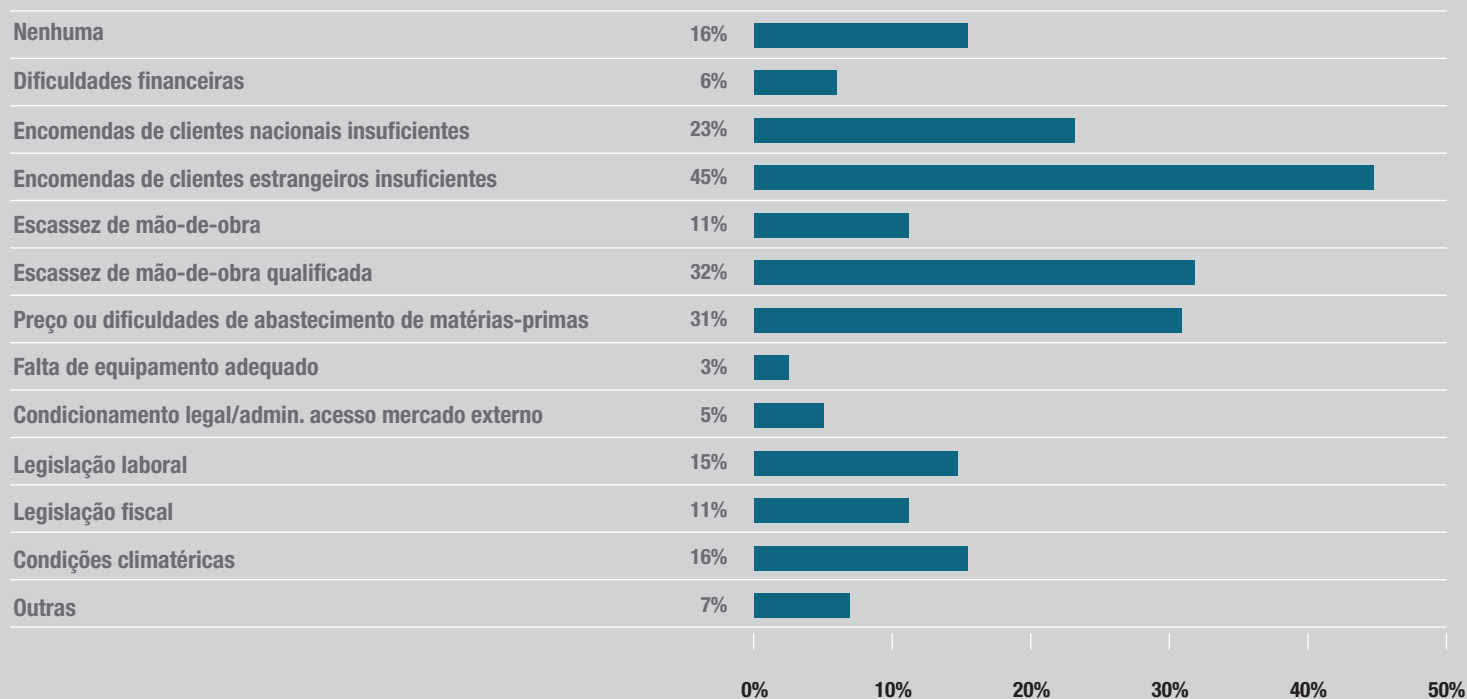


Limitações previstas

Em termos de dificuldades que esperam encontrar no próximo trimestre, as empresas não divergem muito daquelas que foram as dificuldades deste trimestre.

A insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros continuará a ser uma preocupação para quase metade (45%) das empresas inquiridas e a de clientes nacionais para quase um quarto (23%). As perspectivas de aumento do emprego na indústria, já referidas, acarretam a expectativa do reforço de uma dificuldade há muito sentida pelo setor, a de encontrarem mão-de-obra e, sobretudo, mão-de-obra qualificada. Assim, uma percentagem significativa de empresas perspectiva que estas voltem a constituir uma limitação no próximo trimestre: 11% dos inquiridos prevê escassez de mão-de-obra e quase um terço (32%) de mão-de-obra qualificada. As limitações relacionadas com preço ou dificuldades de abastecimento de matérias-primas continuarão, também, a constituir uma das principais preocupações da indústria, sendo referidas por 31% das empresas.

PREVISÃO PARA PRÓXIMO TRIMESTRE



Apesar de menor, a percentagem de empresa que espera vir a deparar-se com dificuldades relacionadas com as condições climáticas continua a ser significativa (16%). Com a mesma frequência (16%), as empresas receiam dificuldades relacionadas com a legislação laboral, registando um aumento face ao trimestre passado. Em contrapartida, há menos empresas (11%) a mostrarem preocupação com a legislação fiscal.

A prestação favorável do setor leva a que não se registem alterações significativas nas empresas que não esperam vir a sentir qualquer tipo de dificuldade (16%), no início do próximo ano, ou que preveem enfrentar dificuldades financeiras (6%). A expectativa de outro tipo de dificuldades está em diminuição, sendo referida por 7% dos inquiridos.

Notas de Conjuntura

A economia portuguesa deverá ter atingido, em 2017, o crescimento mais acentuado desde o início do século. Embora se preveja uma progressiva desaceleração, o crescimento deverá manter-se nos próximos anos.

“O crescimento anual de 2017 terá sido de 2.7%, o melhor registo desde o ano 2000 quando atingiu 3.8%. Os agregados que mais contribuíram para este crescimento anual foram o investimento (contributo de 1.5 pontos percentuais, pp), especialmente na componente de máquinas e equipamentos, e as exportações (3.2 pp), com algum ênfase nos fornecimentos industriais e material de transporte, bem como na componente dos serviços que inclui o turismo. (...)”

O ponto central da nova previsão para o crescimento do PIB em 2018 é de 2.4%, uma ligeira revisão em alta de 0.1 pontos percentuais face a outubro passado. (...) Perspetiva-se que, em 2018, as variáveis mais dinâmicas sejam novamente as exportações e o investimento, embora este último se mantenha cerca de 23% abaixo do nível registado em 2010. A recente melhoria do rating da República Portuguesa por parte de duas agências de notação financeira poderá contribuir, não apenas para a redução sustentada das taxas de juro da dívida pública, mas também suportar uma recuperação mais rápida do investimento.

Para 2019, o ponto central da previsão de crescimento do PIB é agora de 2.2% (...). A primeira previsão para 2020 é de 2.0%, mas há uma enorme incerteza em torno deste valor. (...) Para um país endividado como Portugal, o risco mais crítico é o da subida rápida das taxas de juro (...).”

NECEP/CEA/CLSBE/UCP – Folha Trimestral de Conjuntura nº 51 (Ano XIII) – 4º trimestre de 2017

A economia portuguesa aproveita os ventos favoráveis que sopram da Europa.

“A retoma cíclica da economia da área euro continua. O produto tem estado a expandir-se cerca 2,5% em 2017, muito mais do que as estimativas habituais da taxa de crescimento potencial que pouco excedem 1,5%. A recuperação que estava em curso desde o verão de 2013 transformou-se numa retoma no outono de 2016 quando a procura exterior à área euro aumentou abruptamente.

Mais exportações e expectativas reforçadas induziram as empresas a investir mais em equipamento, uma vez que a utilização da capacidade tem estado acima da média há já algum tempo e os custos de financiamento são muito baixos. Entretanto, o consumo privado continua a expandir-se a uma taxa tendencial de um pouco menos de 2% ao ano, apesar de os rendimentos reais já não estarem a ser estimulados pela queda dos preços da energia. Em contrapartida, há medida que o emprego cresce de forma saudável (quase 2% nos três primeiros trimestres de 2017), o mesmo se passa com os rendimentos do trabalho. Tudo isto, assinala-se, é mais ou menos verdade para todas as principais economias da área euro. (...)”

Em suma, estão reunidas as condições para a continuação de um crescimento saudável, mas a dinâmica do emprego deverá perder ímpeto em alguns estados-membro na segunda metade de 2018, dado que a força de trabalho potencial está a ficar cada vez mais exaurida. Tudo considerado, prevemos que o PIB da área euro cresça 2,2% em 2018 e 1,5% em 2019, embora a incerteza que rodeia estas estimativas seja, naturalmente, ainda grande.”*

European Forecasting Network, Economic Outlook for the Euro Area in 2018 and 2019, inverno 2017/2018

Também as perspetivas para a economia internacional são auspiciosas. No início deste ano, o Fundo Monetário Internacional reviu em alta as suas previsões.

“A retoma cíclica em curso desde meados de 2016 continuou a fortalecer-se. Cerca de 120 economias, responsáveis por três quartos do PIB mundial, registaram um aumento do crescimento, ano sobre ano, em 2017, o mais abrangente aumento sincronizado do crescimento global desde 2010. (...)”

Estima-se agora o crescimento global em 2017 em 3,7 por cento, 0,1 pontos percentuais acima do projetado no outono. As surpresas positivas quanto ao crescimento foram particularmente acentuadas na Europa e na Ásia (...). Espera-se que o ímpeto reforçado sentido em 2017 se prolongue para 2018 e 2019, com o crescimento global revisto em alta para 3,9 por cento para ambos os anos (0,2 por cento mais alto do que nas previsões de outono).”

Fundo Monetário Internacional, World Economic Outlook Update, janeiro 2018

P O R T U
G U E S E
S H O E S

A P I C C A P S